

A prática da extensão na percepção de estudantes de um Curso de Administração¹

Research contributions of university extensions for training bachelor of administration at university of the west catarinense

Sandra Mara Bragagnolo²

<https://orcid.org/0000-0002-1001-8541>

Leonardo Gregório³

<https://orcid.org/0009-0004-4081-7039>

Adriana Pereira Benjamini⁴

<https://orcid.org/0000-0002-1551-7454>

Joel Haroldo Baade⁵

<https://orcid.org/0000-0001-7353-6648>

Recebido em: 03 dez. 2023.

Aceito em: 16 dez. 2023.

RESUMO

Identifica-se lacuna em trabalhos que incluam a extensão universitária à área de gestão de negócios. Ações extensionistas são mais comuns e ocorrem com facilidade em áreas como saúde e educação. Na universidade em estudo nessa pesquisa, essa tendência se confirma. Então, este artigo tem por objetivo analisar as percepções de estudantes de um curso de Administração de uma universidade comunitária do meio-oeste catarinense, sobre as práticas de extensão. Essa pesquisa, é de abordagem qualitativa e de tipologia descritiva e, para o levantamento de dados, utilizou-se de questionário. Os resultados apontam que o perfil dos respondentes é composto por mulheres (63,04%), com idade entre 18 e 25 anos; (82,61%), residentes em Caçador-

¹ Texto vinculado ao projeto de pesquisa “Empresa Júnior de Administração da Uniarp” aprovado para fomento por meio do Edital de Chamada Pública Fapesc nº. 39/2021 - Programa de Apoio ao Empreendedorismo Universitário Inovador no Estado de Santa Catarina, Termo de Outorga nº: 2021TR002043.

² Mestra em Desenvolvimento e Sociedade pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP. E-mail: sandramara@uniarp.edu.br.

³ Graduando no curso de Administração da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP.

⁴ Mestra em Desenvolvimento e Sociedade, pela Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina-FAPESC. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP. E-mail: adrianapereirabenjamini@gmail.com.

⁵ Doutor, pela Faculdade EST. Universidade Alto Vale do Rio do Peixe-UNIARP, programas de pós-graduação *Stricto Sensu*. E-mail: baadejoel@uniarp.edu.br.

SC (89,95%), distribuídos de forma equilibrada entre a segunda e oitava fase do curso; e atuam na indústria (26,09%), em outras áreas (26,09%) ou no comércio (23,91%). A visão geral dos estudantes sobre as atividades de extensão é positiva (86,48%). Na visão dos estudantes, interações com a sociedade e desafios reais são valorizados, pois lhes dão oportunidades de aprendizado significativo e prático, com aplicação e ressignificação de conhecimentos.

Palavras chave: Administração. Extensão universitária.

ABSTRACT

A gap is identified in work that includes university extension to the area of business management. Extension actions are more common and occur easily in areas such as health and education. At the university studied in this research, this trend is confirmed. Therefore, this article aims to analyze the perceptions of students taking a Business Administration course at a community university in the Midwest of Santa Catarina about extension practices. This research, with a qualitative approach and descriptive typology, uses a questionnaire to collect data. The results indicate that the profile of the respondents is made up of women (63.04%), aged between 18 and 25 years old (82.61%), residing in Caçador-SC (89.95%), distributed evenly between the second and eighth phase of the course; and work in industry (26.09%), in other areas (26.09%) or in commerce (23.91%). The students' general view of extension activities is positive (86.48%). In the students' view, interactions with society and real challenges are valued, as they give them opportunities for meaningful and practical learning, with the application and reframing of knowledge.

Keywords: Business Administration. University Extension.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados de pesquisa, cujo objetivo é analisar as percepções de estudantes de um curso de Administração de uma universidade comunitária do meio-oeste catarinense sobre as práticas de extensão. As universidades cumprem, a partir de sua atuação, o que determina o artigo 207 da Constituição Brasileira, que determina que “As universidades gozam de autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial, e obedecerão ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (BRASIL, 1988, p. 123).

De acordo com o artigo terceiro da Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, a extensão constitui-se “em processo interdisciplinar, político educacional,

cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade” (BRASIL, 2018, p. 1-2). Vale destacar que a mesma resolução determina que essas ações devem ocorrer “por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa” (BRASIL, 2018, p. 2).

Caracteriza-se como desafio para as universidades alinharem suas ações de modo a que se possa evidenciar e sistematizar práticas que, efetivamente, associem o ensino, a pesquisa e extensão (MOTA; TENA; SÉLLOS-KNOER, 2019).

Dentro dessa estrutura formativa, a **pesquisa** refere-se a “ações desenvolvidas com o objetivo de fomentar as atividades de pesquisa dentro das universidades”, e o **ensino** “corresponde às atividades voltadas ao aprendizado dos alunos, como as horas destinadas às aulas em sala, laboratórios, atividades de monitoria, entre outras” (SILVA, 2018, p. 1, gn). A **extensão** estabelece “relação entre a comunidade e a universidade. Para isso, são desenvolvidas ações que possibilitem uma troca de conhecimentos” (SILVA, 2018, p. 1, gn). A universidade, fomentando e articulando condições para as atividades de extensão, “influencia e é influenciada pelos seus interlocutores. Não significa que, ao configurar quais são as tarefas da Extensão Universitária, desresponsabilize-se o Ensino e a Pesquisa de seus compromissos com a sociedade” (DEUS, 2020, p. 21).

Percebe-se que a complexidade da extensão reside justamente em que as instituições de ensino precisam disponibilizar, para a comunidade em que se inserem, o conhecimento e as competências desenvolvidas em seu interior. Comumente, as universidades disponibilizam atendimentos gratuitos, orientações e socializações (MOTA; TENA; SÉLLOS-KNOER, 2019).

Foi identificado, por Francisco et al. (2022), que há escassez de trabalhos que incluam a extensão universitária à área de gestão de negócios. A vivência da extensão, no contexto das universidades, parece demonstrar maior facilidade para algumas áreas, como a da saúde e da educação, por exemplo. Nesse sentido, o presente artigo auxilia, tal como o trabalho de Francisco et al. (2022, p. 4) a “preencher este espaço, criando alternativas para uma questão ainda latente no contexto da extensão universitária no ensino superior brasileiro”.

O tripé da indissociabilidade previsto no art. 207 da Constituição Federal do Brasil é composto por ensino, pesquisa e extensão. “A fim de fortalecer o referido princípio foi publicada em 2018 a Resolução CNE/CES n. 7/2018, que estabeleceu um prazo de três anos para que as IES se adequem às Diretrizes da norma” (MOTA; TENA; SÉLLOS-KNOER, 2019, p. 106).

A extensão é “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (DEUS, 2020, p. 18). A formação profissional, objetivo das universidades, precisa promover, essencialmente, a interação com diversas realidades, com diferenças, com visões sob novas perspectivas e críticas (DEUS, 2020).

Práticas de extensão fazem parte das universidades há séculos, sendo que a primeira atividade de extensão teve sua origem nos Estados Unidos, direcionada, principalmente, para fins comerciais e empresariais, sendo reconhecida como uma prestação de serviços (LISBÔA FILHO, 2022, p. 19). E, no Brasil, os relatos históricos apontam para que as atividades extensionistas surgiram no século passado, na Universidade de São Paulo, sendo projetos abertos ao público (Paula, 2013).

No Brasil, o primeiro a tratar da extensão universitária foi o Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. A extensão universitária ficou formalizada como via de oportunidade para o aprimoramento dos estudantes, visando “prolongar, em benefício coletivo, a atividade técnica e científica dos institutos universitários” (BRASIL, 1931, p. 1).

Somente em 1960, ações voltadas aos mais humildes foram realizadas, dando destaque à extensão. A partir de então, muito mudou em termos econômicos e sociais, para ser considerada pilar da formação curricular do acadêmico (Brasil, 2016).

A educação é um bem público, inalienável e direito de todo(a) cidadão(ã), a resolução, além de ratificar o PNE 2014-2024, assegurando um total de 10% da carga horária dos currículos dedicados à Extensão, simboliza um avanço para que as universidades cumpram com o seu compromisso público e social (CURI FILHO et al., 2022, p. 35).

O ensino, a pesquisa e a extensão, no meio acadêmico, permeiam a formação dos profissionais, os quais, “ora por força de uma carga horária elevada dentro da sala

de aula, ora por comodismo ou por falta de opção —, acabam por não conhecer a realidade e tampouco aceitar um olhar divergente” (DEUS, 2020, p. 17). Ou seja, privilegiam-se as atividades de ensino e pesquisa, preterindo as de extensão, tão necessárias para a formação integral dos profissionais.

A desvalorização da extensão em comparação com a pesquisa em várias avaliações de desempenho universitário agrava os desafios enfrentados pelos administradores das Instituições de Ensino Superior (IES) no contexto da Extensão Universitária (CURI FILHO et al., 2022).

Segundo Cunha (2011), no Brasil, ao longo da história, prevaleceu a compreensão de que a relação de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão caracteriza a qualidade da educação superior; e que a compreensão de conhecimento sustenta essa relação, sempre a entendendo num contexto cultural.

A extensão oportuniza uma ampliação da visão da realidade, pois aprofunda e contextualiza o que é aprendido no curso, que, muitas vezes, apresenta-se de forma fragmentada. A experiência direta com o campo de atuação permite a aplicação do conhecimento, confrontando-o com a realidade. Além disso, “favorece a troca de ideias com profissionais de várias áreas, e como consequência, o estudante adquire a visão globalizante do seu campo de atuação” (FRANCISCO et al., 2022, p. 13).

A extensão auxilia acadêmicos a levarem ajuda e conhecimento à população mais fragilizada em situações pontuais, também prestando serviços ao governo e empresas, resolvendo diversos problemas (CRISTOFOLETTI; SERAFIM, 2020).

A extensão universitária é uma orientação fundamental, que desempenha o papel de facilitadora na formação do conhecimento. Ela é também uma prática que enriquece o valor epistemológico, ético e político da instituição, sendo experimentada diariamente por alunos e comunidade, moldando os processos e resultados tanto individual quanto coletivamente (SÍVERES, 2013, p. 20).

É evidente que a universidade possui diversas maneiras de contribuir para a sociedade brasileira, contudo, é igualmente verdadeiro que a sociedade também tem contribuições a oferecer à universidade (SILVA 2020). “Realizar ações que envolvam outros interlocutores — que não apenas o professor e o aluno — agregam valor, embora haja a necessidade de um esforço maior dos envolvidos” (DEUS, 2020, p. 23).

No que diz respeito à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, no capítulo IV, art. 43, que trata de serviços especializados e reciprocidade da comunidade, as ações extensionistas promovem múltiplos benefícios oriundos de pesquisas e métodos científicos. A lei trata sobre meios de mostrar ao acadêmico o mundo além da Universidade (BRASIL, 2016).

Pode-se afirmar que a extensão é oportunidade significativa para capacitar indivíduos a cumprirem seu compromisso transformador ao se dedicarem a mitigar as necessidades presentes em várias comunidades, populações e regiões (CURI FILHO et al., 2022, p. 20).

Quando se fala em extensão, há falta de conhecimento e também interesse por parte de muitos estudantes, por isso, para resolver tal problemática, veio a Lei nº 7416, que trata a oferta de bolsa de estudo para acadêmicos que praticam atividades de extensão (BRASIL, 2016). Em sua maioria, projetos de extensão são conduzidos e realizados por estudantes universitários, que buscam auxílio financeiro e, para realizarem seus trabalhos, são contemplados com bolsas, uma vez que esse é um requisito para serem aceitos (EXTENSÃO UNIARP, [s.d]).

Observa-se que existem desafios não resolvidos no âmbito da extensão universitária na educação superior do Brasil, que apontam para áreas que carecem de melhorias. Entre essas áreas, ganha destaque a necessidade de estabelecer critérios para avaliar resultados e produtos decorrentes da extensão. Esses critérios seriam valiosos não apenas na análise objetiva de projetos, mas também na facilitação da distribuição eficaz de recursos e da mobilização de recursos humanos em iniciativas similares (FRANCISCO et al., 2022).

É desafiador, para as universidades, criarem currículos que integrem conhecimento, valores e atitudes de forma inovadora. A inovação curricular implica enxergar o currículo universitário como experiência no processo educativo, que vai além da abordagem técnica e instrumental, oferecendo ambiente de aprendizagem significativo e diversificado (CAMPANI; SILVA; SILVA, 2019).

Um aspecto a ser considerado é a importância de manter um diálogo constante e estruturado entre a extensão universitária e o ambiente externo. Esse diálogo desempenha papel crucial na revisão e avaliação contínua dos projetos de extensão,

proporcionando não apenas valiosas perspectivas, mas, também, a capacidade de adaptação às mudanças necessárias à sociedade (FRANCISCO et al. 2022).

A extensão universitária envolve a harmonização do ensino e pesquisa, que interagem em conjunto para criar um elo frutífero entre a universidade e a sociedade, visando aplicar o conhecimento em prol da mudança social (SEVERINO, 2007, p. 22).

A inovação curricular na universidade exige repensar a abordagem ao conhecimento, valorizar a diversidade dos estudantes e promover a postura investigativa, fortalecendo o aprendizado por meio da participação ativa dos estudantes (CAMPANI; SILVA; SILVA, 2019).

Na Universidade, a comunicação de saberes envolve a abertura à diversidade de conhecimentos e experiências de diferentes fontes. Essa troca, apesar de desafiadora, destaca a instituição como espaço de acolhimento e valorização do patrimônio humano. O estabelecimento de parcerias com outras instituições, intercâmbio e cooperação com outras instituições para compartilhar conhecimento fortalece a autonomia e autoestima de estudantes e professores, transformando a instituição em um centro de enriquecimento de saberes e conhecimentos (SÍVERES, 2013, p. 23).

A universidade, isoladamente, não resolve conflitos ou aponta soluções para o cotidiano social. Para que cumpra seu papel de ser agente de mudança, “são necessárias trocas capazes de fazer surgir o novo, que é fruto ora do diálogo, ora das disputas/tensões que envolvem a universidade como parte da sociedade” (DEUS, 2020, p. 28).

METODOLOGIA

A natureza da presente pesquisa é qualitativa, de tipologia descritiva. Esta abordagem metodológica permite examinar objetivamente os aspectos relacionados ao cumprimento do objetivo de analisar as percepções que estudantes de um curso de Administração de uma universidade comunitária do meio-oeste catarinense têm sobre as atividades de extensão desenvolvidas em seu curso.

Para a análise dos dados, adota-se a aplicação da técnica de análise de conteúdo. A avaliação de conteúdo empregada sob a abordagem qualitativa seja de

maneira exclusiva ou não, compreende diversas técnicas, entre as quais se destacam a categorização, inferência, descrição e interpretação (DESLANDES, 2007, p. 87).

Para o levantamento dos dados sobre o curso em estudo, utilizou-se de pesquisa documental, a partir de conteúdo público, divulgado no site institucional.

Para levantamento dos dados relacionados à prática da extensão na percepção de estudantes do curso de Administração em estudo, elaborou-se um questionário com dezessete questões objetivas e duas descritivas. As questões foram elaboradas com base nos trabalhos de Francisco et al. (2022); Lisbôa Filho (2022); Mota, Tena e Séllos-Knoer (2019); Cristofolletti e Serafim (2020); bem como na Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018).

As opções de resposta para as questões que compõem o questionário baseiam-se no método de Likert, com escala de cinco pontos, que varia de:

- 1 - Concordo totalmente e 2 - Tendo a concordar – PERCEPÇÃO POSITIVA;
- 3 - Não concordo nem discordo – PERCEPÇÃO DE NEUTRALIDADE;
- 4 - Tendo a discordar e 5 - Discordo totalmente – PERCEPÇÃO NEGATIVA.

A coleta de dados primários foi realizada no intervalo entre 2 de setembro e 31 de outubro, através do aplicativo de mensagens WhatsApp. Para participar da pesquisa, os respondentes precisavam consentir com os termos do estudo, que explicavam os objetivos da pesquisa e o propósito dos dados coletados. Além disso, foi enfatizado que a participação era completamente sigilosa e voluntária, permitindo que pudessem interromper o preenchimento do questionário a qualquer momento. No entanto, ao concluí-lo e enviá-lo, concordariam com a utilização dos dados para a análise e elaboração dos resultados desta pesquisa.

Um total de 46 respondentes iniciaram o preenchimento do questionário e todos demonstraram concordância, pois continuaram a respondê-lo. As percepções dos respondentes sobre a prática da extensão foram coletadas e organizadas em tabelas e gráficos para análise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para cumprir o objetivo desse trabalho, que é o de analisar as percepções de estudantes de um curso de Administração de uma universidade comunitária do meio-oeste catarinense sobre as práticas de extensão, inicia-se com a descrição do perfil dos respondentes (Tabela 1), em que constam dados sobre gênero, idade, onde residem, em que fase do curso está matriculado e áreas de atuação.

Tabela 1 - Perfil dos Respondentes

| VARIÁVEIS | RESPOSTAS | % |
|----------------------|----------------------|--------|
| Gênero | Feminino | 63,04% |
| | Masculino | 36,96% |
| Idade | Entre 18 e 20 anos | 39,13% |
| | Entre 21 e 25 anos | 43,48% |
| | Entre 26 e 30 anos | 6,52% |
| | Entre 31 e 35 anos | 4,35% |
| | Entre 36 e 40 anos | 4,35% |
| | Entre 41 e 45 anos | 2,17% |
| Cidade de Residência | Caçador, SC | 89,95% |
| | Lebon Régis, SC | 6,52% |
| | Rio das Antas, SC | 2,17% |
| | Tangará, SC | 2,17% |
| | Timbó Grande, SC | 2,17% |
| Fase do curso | 2ª Fase | 30,43% |
| | 4ª Fase | 21,74% |
| | 6ª Fase | 26,09% |
| | 8ª Fase | 21,74% |
| Área de atuação | Indústria | 26,09% |
| | Comércio | 23,91% |
| | Prestação de Serviço | 6,52% |
| | Repartição Pública | 6,52% |
| | Agricultura | 4,35% |
| | Outra | 26,09% |
| | Não trabalha | 6,52% |

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A partir da Tabela 1, pode-se afirmar que os respondentes da pesquisa são, predominantemente, do gênero feminino (63,04%), com idade entre 18 e 25 anos (82,61%), residentes da cidade de Caçador-SC (89,95%), distribuídos de forma equilibrada entre a segunda e a oitava fase do curso de Administração em estudo, e atuantes na Indústria (26,09%) ou em outras áreas de atuação (26,09%) e no comércio (23,91%).

O curso de Administração em estudo busca formar profissionais com o seguinte perfil: um profissional que integre conhecimentos fundamentais da administração, que seja hábil em identificar e resolver problemas e oportunidades de forma sistêmica, que

aplique técnicas analíticas e quantitativas de maneira eficaz, com prontidão tecnológica, que saiba lidar com as demandas da era digital, que possua habilidades de relacionamento interpessoal e saiba comunicar-se de forma eficaz e que gerencie recursos de forma ética.

A partir da definição desse perfil, percebe-se a importância que as atividades de extensão desempenham para que este perfil seja construído ao longo da jornada acadêmica dos estudantes. Assim, no curso de Administração em estudo neste trabalho, as ações de extensão compõem 10,74% do total da carga horária (3.142,50) de sua matriz curricular. A presença dessa carga horária atende ao que preconiza a Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018, em seu Artigo 4º, definindo que “as atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos” (BRASIL, 2018, p. 1).

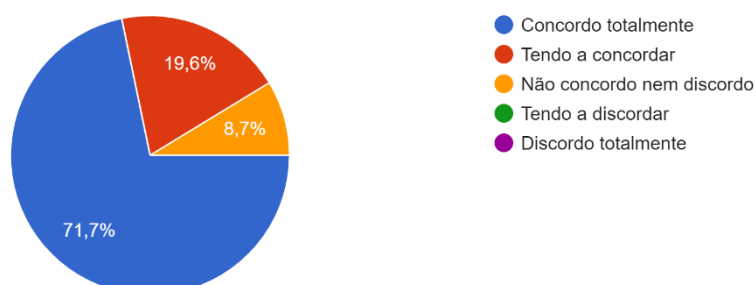
No curso em estudo, as atividades extensionistas ocorrem em componentes curriculares como Atividades Práticas Administrativas (2º, 4º, 6º e 8º período); Plano de Negócios (7º período); e Trabalho de Conclusão de Curso (8º período). Ainda, há projetos apresentados ao Programa de Apoio à Extensão e Cultura – PAEC da Universidade da qual o curso em estudo faz parte, para os quais os acadêmicos precisam cumprir critérios informados em edital e recebem bolsa de auxílio aos seus estudos para cumprirem horas de extensão. Ainda, há projetos vinculados ao fomento governamental, como o Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional – PROESDE, em que os estudantes também recebem bolsas para realizarem atividades de extensão, confirmando que “a maioria das universidades brasileiras oferece inúmeras atividades — muitas destas com auxílio financeiro — que, além de possibilitarem [...] a realização de atividades fora dos currículos, fornecem outro ‘brilho’ para a formação profissional” (DEUS, 2020, grifos da autora).

No gráfico 1, constam as percepções dos estudantes sobre como se sentem após realizarem atividades em que interagem com o meio externo à universidade, em ações que caracterizem a extensão.

Gráfico 1 – Percepção sobre o cumprimento de atividades extensionistas

Eu me sinto muito bem após atividades em que consigo ser útil à sociedade a partir do que aprendo na Universidade.

46 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

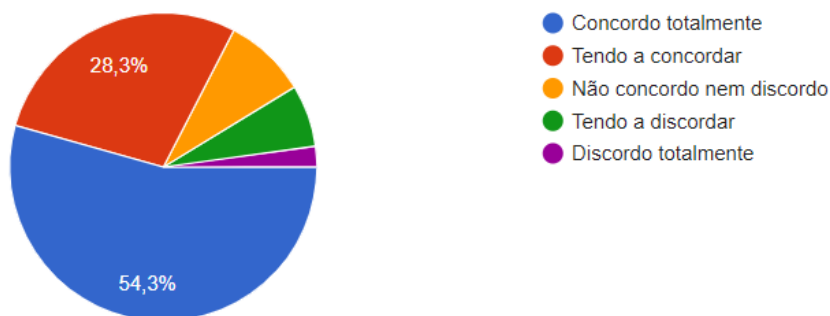
Dos 46 respondentes, 91,3% têm percepção positiva sobre o sentimento que acompanha a execução do que aprendem na Universidade em atividades úteis à sociedade. Vê-se que dar a oportunidade de pôr em prática os conhecimentos construídos ressignifica o processo de aprendizagem do estudante, pois estudar e aprender ganha novo sentido quando se percebe sua utilidade. Há 8,7% que ainda não consegue definir como se sente, talvez por ter tido poucas oportunidades, haja vista haver estudantes de segunda fase que também foram incluídos na pesquisa, por já estarem executando atividades extensionistas.

O que se compreende desse posicionamento dos estudantes vem ao encontro do que ensina Deus (2020), quando afirma que a mudança que a interação com o entorno social provoca no estudante não pode ser mensurada em números, “mas com aprendizado relatado em depoimentos. O fato de a comunidade universitária [...] dialogar com sua comunidade externa (além muros) e conseguir corresponder com ações práticas e concretas denota o quão importante é esse diálogo” (DEUS, 2020, p. 37).

O Gráfico 2 ilustra a percepção sobre o número de atividades de extensão proporcionadas aos estudantes do curso de Administração em estudo.

Gráfico 2- Suficiência da quantidade de atividades de interação com a sociedade

46 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

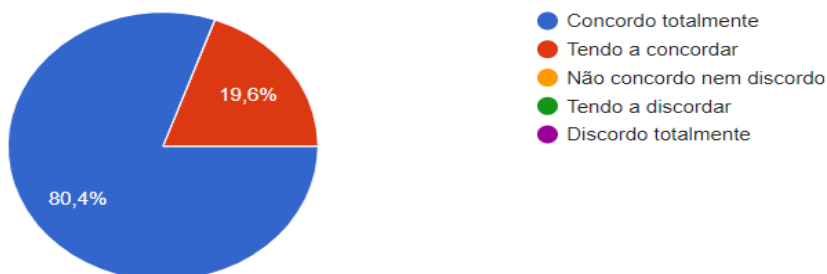
De acordo com o Gráfico 2, identificam-se 82,6% que têm percepção positiva sobre a quantidade de atividades de extensão que realizam no curso; 8,7% que ainda não conseguem definir um posicionamento seguro; e outros 8,7% que têm percepção negativa, ou seja, percebem que o curso poderia desenvolver mais atividades de interação com a sociedade. Novamente, pode-se inferir que os estudantes de segunda fase ainda não tenham tido contato suficiente com as atividades ou não conheçam a fundo como as atividades de extensão se organizam na matriz curricular que cumprirão até o final do curso.

Da mesma forma, os resultados apresentados no Gráfico 3 denotam que os estudantes estão conscientes e têm percepção positiva sobre a interação com a sociedade e resolução de problemas reais como parte de sua formação acadêmica.

Gráfico 3 – Oportunidades de interação social para a formação acadêmica

Considero muito importante para minha formação ter oportunidades de interagir com problemas reais e propor soluções para os mesmos.

46 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

O Gráfico 3 demonstra 100% de percepção positiva por parte dos estudantes sobre sua formação estar vinculada a oportunidades de interação com situações reais.

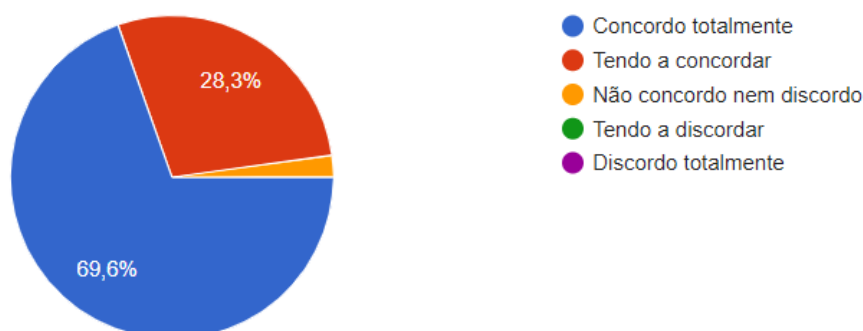
De acordo com Francisco (et al., 2022), é importante considerar, de modo constante e estruturado, o diálogo entre a extensão universitária e o entorno da universidade, pois isso gera evidências e condições para revisão e avaliação contínua dos projetos de extensão, proporcionando adaptação às mudanças necessárias à sociedade.

No Gráfico 4, aparecem as percepções dos estudantes sobre as atividades de atendimento à comunidade como forma de contato prático e desafiador.

Gráfico 4 – Percepções sobre as atividades permitirem contato com conteúdos de forma prática e desafiadora.

As atividades de atendimento à comunidade permitem entrar em contato com conteúdos de forma prática e desafiadora.

46 respostas



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Os dados do Gráfico 4 confirmam o que ensinam Mota, Tena e Séllos-Knoer (2019), que afirmam que colocar os acadêmicos em contato com o ambiente social e profissional, enfrentando desafios, promove o desenvolvimento de competências que somente os conteúdos e estudos de caso trabalhados em sala de aula não dão conta de proporcionar aos estudantes. Pode-se inferir que as atividades de extensão, mesmo as mais desafiadoras, devem ser incluídas em quantidade suficiente para que produzam conhecimentos, habilidades e, sobretudo, atitudes diferenciadas nos futuros profissionais.

Na Tabela 2 apresentam-se os dados coletados sobre a forma como o estudante se sente em relação à realização de atividades extensionistas. As variáveis avaliadas foram elaboradas a partir dos trabalhos de Mora, Tena e Séllos-Knoer (2019), Francisco et al. (2022), Lisbôa Filho, 2022, Cristofolletti e Serafim (2020) e no

que preconiza a Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018, do Conselho Nacional de Educação, que estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira.

Tabela 2- Percepções sobre as práticas de extensão

| Variável avaliada | Nível de satisfação | | | | |
|---|---------------------|--------|------------------|-------------------|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| Senti segurança em todas as vezes que interagi com a realidade exterior à universidade. | 47,80% | 39,10% | 10,90% | 2,20% | 0,00% |
| Com a extensão, desenvolvo competências que até então não julgava necessárias. | 58,70% | 30,40% | 10,90% | 0,00% | 0,00% |
| Foi possível sentir-me útil e especial através das práticas de extensão que vivenciei. | 56,50% | 30,40% | 10,90% | 2,20% | 0,00% |
| Desenvolvi capacidades e competências relevantes para meu posicionamento social e profissional. | 58,70% | 26,10% | 13,00% | 2,20% | 0,00% |
| A extensão me coloca em contato com a sociedade, de forma proativa e, sobretudo, autônoma. | 63,00% | 21,70% | 8,70% | 6,50% | 0,00% |
| MÉDIA GERAL | 56,94% | 29,54% | 10,88% | 2,62% | 0,00% |
| PERCEPÇÃO | 86,48% POSITIVA | | 10,88% NEUTRA | 2,62% NEGATIVA | |

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

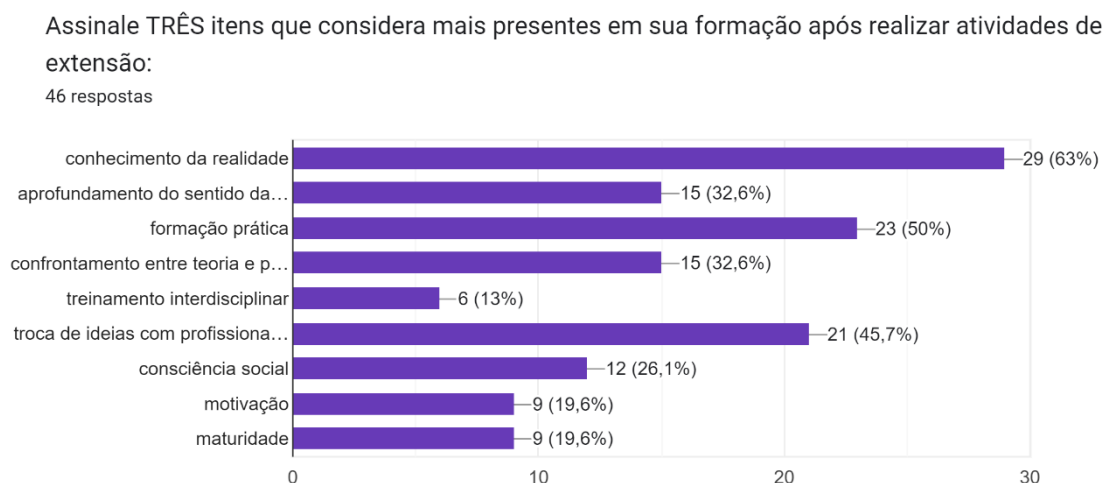
Percebe-se o predomínio (86,48%) de percepção positiva em relação às variáveis elaboradas para identificar o posicionamento dos estudantes sobre a prática de extensão no curso de Administração em estudo. Destaca-se o fato de não haver percepção negativa para a variável que levanta as percepções sobre o desenvolvimento de competências que não julgava necessárias. De acordo com Deus (2020), vivenciar e experienciar a Extensão faz com que o estudante reavalie o percurso que seguirá, criando excelentes trabalhos acadêmicos, sim, mas também e sobretudo, reconheça “a oportunidade de se relacionar com a comunidade acadêmica de uma maneira mais ampla e aprofundada” (DEUS, 2020, p. 42).

Fica evidente, a partir dos dados da Tabela 2, que competências específicas são desenvolvidas e que os estudantes têm alguns conscientes disso. A média geral de estudantes que não têm percepção definida no grupo de variáveis avaliado é de 10,88%. Sobre isso, sugere-se que o curso em estudo desenvolva ações para melhorar essas percepções, convertendo-as para percepções positivas, desde que

pautadas na realidade e na importância dessas atividades para o estudante. Da mesma forma, os 2,62% de percepção negativa devem ser considerados e melhorados, na medida em que se fortalecerem os objetivos das ações extensionistas e que se evidencie sua importância.

Após levantar os dados sobre percepções dos estudantes, solicitou-se a eles que indicassem, dentre os atributos a eles apresentados, três que julgassem mais presentes em sua formação após realizar atividades de extensão. Estes foram os atributos apresentados: conhecimento da realidade; aprofundamento do sentido da aprendizagem; formação prática, confronto entre teoria e prática; treinamento interdisciplinar; troca de ideias com profissionais de outras áreas; consciência social; motivação; maturidade. Os dados coletados encontram-se no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Atributos identificados com as atividades de extensão



Fonte: Dados da pesquisa (2023)

Com base nos resultados do Gráfico 5, os três atributos mais presentes dentre os que se identificam como resultado da prática de atividades de extensão foram: conhecimento da realidade (63%); formação prática (50%); e troca de ideias com profissionais de outras áreas (45,7%). Esses dados confirmam o que preconiza o Art. 5º, item I, da Resolução vigente no Brasil sobre as atividades de extensão nas universidades, as quais devem promover a “interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e

do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social” (BRASIL, 2018, p. 1).

Também se cumpre o item II da Resolução, que menciona que a extensão deve proporcionar “a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, [...] de modo interprofissional e interdisciplinar” (BRASIL, 2018, p. 1). “Nessas relações de interdisciplinaridade, todos ganham, todos contribuem e todos (se) transformam, contribuindo para que o aprendizado ganhe força, renove-se e multiplique-se (DEUS, 2020, p. 40).

A partir dos registros dos estudantes, conforme dados do Gráfico 5, as práticas de extensão são vistas como desencadeadoras de diferentes estímulos, habilidades e competências pelos estudantes. Esses dados permitem inferir que atividades de extensão, quando bem organizadas e articuladas, promovem não somente a interação, como também o *networking*.

Como parte da pesquisa, solicitou-se aos estudantes que registrassem suas percepções pessoais sobre experiências que vivenciaram através das atividades extensionistas que realizaram. As palavras que apareceram de maneira recorrente foram: conhecimento; aprendizagem/aprender/aprendi; interessante; desenvolvimento/desenvolver; praticar/prática; experiência; úteis/útil. Não houve ocorrência de palavras de cunho negativo, apenas alguns estudantes que manifestaram que ainda esperam maior contato com atividades de extensão, o que confirma os dados constantes nos Gráficos 2 e 3 deste trabalho. Essa postura permite identificar a importância de que os cursos de educação superior se preocupem em fomentar “a contribuição na formação integral do estudante, estimulando sua formação como cidadão crítico e responsável (BRASIL, 2018, p. 1).

Para concluir a pesquisa, foi disponibilizado um espaço não obrigatório para que os respondentes pudessem compartilhar sugestões, visando a aprimorar as ações de extensão universitária no curso de Administração em estudo. As respostas que apareceram de forma recorrente sugerem que as atividades práticas sejam valorizadas e estejam presentes na formação dos estudantes, nas quais possam colocar seus conhecimentos em prática. Pedem-se atividades voltadas à integração com empresas tanto para fases iniciais do curso como para as mais avançadas.

Também aparece com recorrência que se façam mais visitas e viagens técnicas, para que se tenha contato com outras empresas e modelos de negócios.

Percebeu-se, com a aplicação da pesquisa, que muitos estudantes ainda confundem o que seja extensão, efetivamente, então, sugere-se que a coordenação do curso em estudo promova momentos de conhecimento, de forma mais específica, sobre o que são ações de extensão e sobre como as atividades estão dispostas na matriz curricular em que os estudantes estejam vinculados.

Os resultados dessa pesquisa confirmam que a Extensão Universitária, tanto em seus modelos teóricos como práticos, tem papel ascendente. A extensão acelera e promove interações e processos de ressignificação de conhecimento, pois, sempre que um indivíduo realiza uma ação de compreensão de realidade, é levado para outro lugar, um novo lugar, diferente, diverso e rico.

Fica a compreensão de que a Extensão precisa se renovar sempre, pois é dinâmica e se constitui, justamente, a partir dos movimentos e processos sociais, naturalmente, em constante transformação e muito presentes no universo acadêmico. Essa pesquisa apresenta em números as percepções dos estudantes, entretanto, concorda-se com Deus (2020), que diz que o movimento provocado por ações extensionistas jamais poderá ser quantificado em números, pois o impacto que tem é, principalmente, emocional e cognitivo, tanto para quem realiza estas ações (professores e alunos), como para quem as recebe e acolhe (comunidades e entorno social).

CONSIDERAÇÕES

O presente estudo analisa as percepções de estudantes de um curso de Administração de uma universidade comunitária do meio-oeste catarinense sobre as práticas de extensão. Sua aplicação proporciona inferências valiosas sobre como os estudantes veem as atividades de extensão e o papel delas em suas trajetórias educacionais.

Primeiramente, ao examinar o perfil dos respondentes, foi possível identificar características predominantes, como a do gênero feminino (63,04%), a faixa etária predominante de 18 a 25 anos (82,61%), com maior concentração de estudantes na

faixa de 21 a 25 (43,48%). São acadêmicos que residem na cidade de Caçador-SC (89,95%), distribuídos de forma equilibrada entre a segunda e oitava fase do curso de Administração em estudo. Atuam na indústria (26,09%), em outras áreas (26,09%) ou no comércio (23,91%).

Ao se analisar os dados coletados sobre as percepções dos estudantes sobre as práticas extensionistas a que são expostos, tendo em vista que os cursos das Ciências Sociais Aplicadas têm como desafios conseguir envolvimento da comunidade em propostas de trabalhos que caracterizem a extensão, percebeu-se que o curso de Administração em estudo está conseguindo bons resultados. Assim, sugere-se como ampliação desse estudo, a aplicação de pesquisa junto aos entes sociais atendidos pelos alunos deste curso, de modo a buscar alinhamentos importantes em lacunas que possam ser identificadas.

Os resultados indicam que as práticas de extensão desempenham papel fundamental na formação acadêmica. As atividades extensionistas aproximam os estudantes da realidade, contribuindo para o desenvolvimento de habilidades práticas e promovendo a interação com outros profissionais. As sugestões dos respondentes podem orientar melhorias contínuas nas práticas de extensão, fortalecendo sua importância na Administração.

As interações com a sociedade e a resolução de desafios reais são aspectos valorizados pelos estudantes. Em resumo, as práticas de extensão desempenham papel fundamental na formação acadêmica e os estudantes se beneficiam substancialmente ao terem oportunidades de aprendizado significativas e práticas para aplicar e ressignificar conhecimentos.

REFERÊNCIAS

BRASIL, DECRETO Nº 19.851, DE 11 DE ABRIL DE 1931. **Estatuto das Universidades Brasileiras**. Brasília, Edições Câmara, 1931.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. **LDB- Lei de Diretrizes e Base da Educação**. 13. ed. Brasília: Edições Câmara, p. 9, 2016. Disponível em [https://www2.ufrb.edu.br/ead/images/documentos/legislacao/LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCA%C3%87%C3%83O NACIONAL.pdf](https://www2.ufrb.edu.br/ead/images/documentos/legislacao/LDB_-_LEI_DE_DIRETRIZES_E_BASES_DA_EDUCA%C3%87%C3%83O_NACIONAL.pdf). Acesso em: 06 set. 2023.

BRASIL. LEIS E DECRETOS. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Resolução n. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação – PNE 2014-2024 e dá outras providências. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=104251-rces007-18&category_slug=dezembro-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em 27 mar. 2023.

CAMPANI, Adriana Silva; SILVA, Rejane Maria Gomes da; SILVA, Maria do Socorro Sousa. Inovação curricular no ensino superior: desafios e possibilidades. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. esp. 1, p. 785-797, 2019. E-ISSN:1519-9029. Disponível em

<https://doi.org/10.22633/rpge.v23iesp.1.13015>. Acesso em 04 nov. 2023.

CRISTOFOLETTI, Evandro Coggo; SERAFIM, Milena Pavan. Dimensões Metodológicas e Analíticas da Extensão Universitária. **Educação & Realidade**, 45(1), e90670, 2020. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/edreal/a/jY9GgBb45W8YhHLQYCggLNt/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 20 out. 2023.

CUNHA, Maria Isabel. Indissociabilidade entre ensino e pesquisa: a qualidade da graduação em tempos de democratização. **Perspectiva**, v. 29, n. 2, p. 443-462, 2011. DOI <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2011v29n2p443>.

CURI FILHO, W. R.; SILVA, A. B. O.; FERNANDES, L. G.; VENTURA, M. L. B.; SARAIVA, E. G. T. Compreensão das diretrizes da extensão universitária: uma visão a partir de coordenadores de ação de extensão de uma unidade acadêmica das áreas tecnológicas. **Além dos Muros da Universidade**, v. 1, n. 1, p. 38-55, 11 jan. 2022. Disponível em <https://periodicos.ufop.br/alemur/article/view/5174>. Acesso em: 16 out. 2023.

DESLANDES, S. Ferreira; GOMES Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DEUS, Sandra de. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria: PRE-UFSM, 2020. Disponível em https://www.ufmg.br/proex/relex/images/EBOOK_-_Sandra_de_Deus_-_Extensao_Universitaria.pdf. Acesso em 02 out. 2023.

EXTENSÃO UNIARP. **Extensão**. Caçador: Site institucional, s.d. Disponível em <https://uniarp.edu.br/extensao/>. Acesso em 14 out. 2023.

FRANCISCO, Thiago Henrique Almino; LAURINDO, Kevin Antunes; MARTINS, Stelcy Lopes; VEFAGO, Yuri Borba. As contribuições da extensão universitária na formação do bacharel em administração: uma visão a partir do ecossistema empreendedor. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, Paraná - Brasil. v. 18,

e2220285, p. 01-19, 2022. Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/conexao/article/view/20285>.

LISBÔA FILHO, Flavia Ferreira. **Extensão Universitária: Gestão, Comunicação e Desenvolvimento Regional**. Santa Maria, FACOS-UFSM, 2022. Disponível em <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/23643>. Acesso em 16 nov. 2023.

MOTA, Ivan Dias da; TENA, Lucimara Plaza; SÉLLOS-KNOER, Viviane Coêlho de. O novo marco regulatório da extensão universitária no Brasil: uma contribuição para a política de promoção humana. **Revista Brasileira De Direito**. Passo Fundo, vol. 15, n. 3, p. 79-110, setembro-dezembro, 2019 DOI: <https://doi.org/10.18256/2238-0604.2019.v15i3.3845>.

PAULA, João Antônio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>. Acesso em 16 nov. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em https://www.redalyc.org/journal/5141/514162470027/html/#redalyc_514162470027_ref16 Acesso em 06 set. 2023.

SILVA, Wagner Pires da. Extensão Universitária: Um conceito em Construção. **Revista Extensão & Sociedade** v. 11, n. 2, 2020. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491> . Acesso em: 16 out. 2023.

SILVA, Gabriele. **Ensino, pesquisa e extensão: o que são e como funcionam?** Portal Educa + Brasil. Postado em 19 novembro, 2018. Disponível em <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/ensino-pesquisa-e-extensao-o-que-sao-e-como-funcionam> Acesso em 04 abr. 2023.

SÍVERES, Luiz. **A Extensão universitária como um princípio de aprendizagem**, Brasília: Liber Livro, 2013. Disponível em <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232083> Acesso em 16 nov. 2023.